

VIAGEM ...

Luís Vaz de Camões

Edição comemorativa dos 500 anos do nascimento de Camões - AECA - Turmas S, R, O, P, do 10º ano - junho 2025
História A / História B

Movidos pela curiosidade e pelo desejo de conhecer, os nossos alunos mergulharam na vida e obra de Camões. Visitaram Coimbra, a cidade que marcou a sua juventude e formação intelectual.



Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra
10º S e 10º R



Visita de estudo a Coimbra

*(...) Por mares nunca d'antes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana;
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram.*

Canto I, Os Lusíadas

500 Anos de Camões

Uma Celebração Viva na Nossa Escola

EDITORIAL

Celebrar Luís de Camões, cinco séculos após o seu nascimento, é muito mais do que revisitar o passado: é reconhecer a força intemporal da sua obra, cuja influência atravessa gerações, fronteiras e culturas, permanecendo viva no património da língua portuguesa e do mundo.

Neste contexto, a nossa escola orgulha-se de se associar às comemorações nacionais do V Centenário de Camões, envolvendo os alunos do 10.º ano do curso de Línguas e Humanidades e do curso de Ciências Socio-económicas, num projeto interdisciplinar que une História, Português e a Biblioteca Escolar.

Ao longo deste ano letivo, os nossos alunos mergulharam no universo camoniano através de diversas atividades. Destacamos a palestra enriquecedora com a escritora Isabel Rio Novo, autora da recente biografia 'Fortuna, Caso, Tempo e Sorte', que nos trouxe uma nova perspectiva sobre a vida e a época de Camões, revelando o homem para além do mito. Foi um momento privilegiado de diálogo e aprendizagem, onde se cruzaram perguntas, curiosidades e reflexões sobre a atualidade da obra camoniana.

Esta experiência foi enriquecida pela realização de trabalhos de pesquisa, onde os estudantes, recorrendo a fontes variadas e plataformas digitais, mergulharam em textos, imagens e testemunhos, para compreenderem não só a biografia e a obra de Camões, mas também as marcas que o poeta deixou na contemporaneidade.

A visita de estudo a Coimbra, cidade da juventude de Camões, permitiu aos alunos percorrer os lugares que moldaram o génio do autor de Os Lusíadas, estabelecendo uma ligação viva entre a História, o Património e a Literatura.

Numa sessão com o jornalista Carlos Costinha Sousa, os alunos desvendaram os segredos da escrita jornalística, preparando-se para o desafio de comunicar, de forma rigorosa e criativa.



O culminar deste projeto é a publicação deste jornal escolar, composto por artigos jornalísticos elaborados pelos próprios alunos. Aqui partilham-se descobertas, reportagens, reflexões, entrevistas, fruto do seu empenho e descoberta ao longo deste percurso. Mais do que recordar o passado, estas páginas são um convite à leitura, à reflexão e à participação.

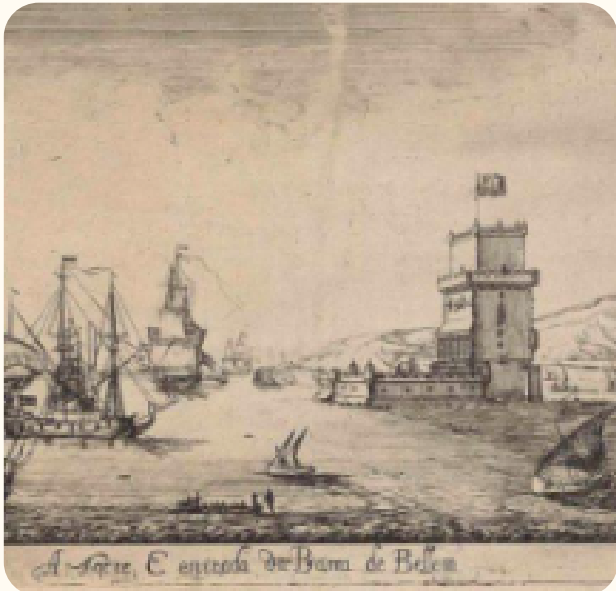
Agradecemos a todos os que tornaram possível este projeto - alunos, professores, convidados, entidades - pelo seu contributo para uma celebração viva e participada do V Centenário do nascimento de Camões.

Que este jornal seja, também ele, um testemunho do engenho e da arte que continuam a mover a nossa escola.

Boa leitura!

Francisco Marinho e Maria da Graça Castro
Professores de História

Portugal no Tempo de Camões: Entre a Glória e a Crise



Torre de Belém, século XVI

No século XVI, Portugal era uma potência mundial com um império vasto, mas enfrentava sérios problemas internos. Foi neste cenário que viveu Luís de Camões, autor de “Os Lusíadas”, que retratou tanto o orgulho como as dificuldades da sua pátria.

Durante o século XVI, Portugal vivia o auge dos Descobrimentos. Com territórios em África, na Ásia e no Brasil, o país ganhava riqueza através do comércio de especiarias, ouro, açúcar e escravos. Lisboa era um centro comercial importante, mas a riqueza beneficiava sobretudo a Coroa e a nobreza, deixando o povo a viver com dificuldades.

Camões viveu num tempo de grandes contrastes: enquanto o império crescia, aumentavam os problemas económicos e sociais. A sociedade era muito desigual - o rei tinha poder absoluto, o clero dominava a educação, e a maior parte da população, composta por camponeses, vivia em grande pobreza.

Durante a sua vida, reinaram quatro monarcas: D. João III, D. Sebastião, D. Henrique e D. António, todos marcados por um período de crise e mudanças. O acontecimento mais marcante foi a Batalha de Alcácer-Quibir, em 1578, onde D. Sebastião desapareceu. Sem herdeiros, o país entrou numa crise que acabou com a perda da independência para Espanha, em 1580.

Apesar das dificuldades, o Renascimento trouxe novas ideias à arte, literatura e arquitetura. Obras como a Torre de Belém e o Mosteiro dos Jerónimos mostram essa influência. Camões, com a sua poesia, mostrou o orgulho nacional, mas também a crítica a um império que começava a perder força.

Portugal no tempo de Camões foi, por isso, um país dividido entre o brilho do império e as fragilidades internas. Através da sua obra, o poeta deixou-nos um retrato marcante de um país em mudança, que ainda hoje nos ajuda a compreender essa época.



Terreiro do Paço, século XVI

À conversa com... Isabel Rio Novo

No âmbito das comemorações do “V Centenário de Luís Vaz de Camões”, a Escola Secundária Carlos Amarante promoveu uma palestra especial conduzida pela escritora e professora Isabel Rio Novo.



O evento, que atraiu alunos e professores, teve como objetivo “transformar a figura histórica de Camões num ser humano de carne e osso”, ao mostrar a figura de Camões não apenas como o maior símbolo da literatura portuguesa, mas como um homem real, com paixões, erros e cicatrizes.

A palestrante começou por convidar o público para uma viagem ao século XVI, período histórico de intensa transformação cultural, política e social. Isabel Rio Novo destacou que, apesar da imagem consagrada do poeta-soldado, Camões foi, acima de tudo, um combatente da vida. A famosa história do naufrágio em que ele teria salvo o manuscrito de *Os Lusíadas* foi colocada em causa – segundo a investigadora, a veracidade desse episódio é altamente improvável.



A sessão terminou com perguntas do público, que revelaram curiosidades sobre a biografia escrita por Isabel Rio Novo.

A palestrante compartilhou detalhes sobre a pesquisa rigorosa por trás do livro, desde a análise de biografias antigas até visitas a locais históricos.

Com esta palestra, Isabel Rio Novo conseguiu não só aproximar o público da figura de Camões, mas também dar vida a um nome que, embora imortal na literatura, tantas vezes é esquecido como homem. Com isso, a palestrante revelou a história de vida do poeta que muitas vezes esconde-se por trás da sua imagem extraordinária, e tentou demonstrar que o mesmo foi um ser humano com medos, traumas e experiências ordinárias.

Separando, assim, o nome “Luís” do proclamado apelido “Camões”.



À conversa com... Isabel Rio Novo

Entrevista

No âmbito de um projeto interdisciplinar dos alunos do 10.º ano dos Cursos de Línguas e Humanidades, a autora Isabel Rio Novo compareceu, no dia 5 de fevereiro de 2025, na Escola Secundária Carlos Amarante para falar sobre a história de Luís de Camões e da sua obra. Esta iniciativa foi dinamizada pela coordenadora da biblioteca da escola, Ana Margarida Dias, juntamente com a professora Maria da Graça Castro e o professor Francisco Marinho. Os alunos tiveram a oportunidade de ouvir a autora a falar sobre a obra 'Fortuna, Caso, Tempo e Sorte - biografia de Luís Vaz de Camões'.

No final da palestra, tivemos o privilégio de fazer uma entrevista à autora para satisfazer algumas curiosidades e dúvidas relacionadas com o inesgotável universo camonianiano...

Bruna Gomes - Quando começou a interessar-se por estudar a vida de Luís Vaz de Camões?

Isabel Rio Novo - Eu estudei a obra de Camões na escola como vocês. Depois fui sempre lendo por prazer ao longo da minha vida e, há cerca de 5 anos e meio, 6 anos, foi quando me foi lançado este desafio e eu comecei a investigar a vida de Camões.

Bruna Gomes - Existem várias dúvidas sobre a vida de Camões. Se ele estivesse vivo e tivesse a oportunidade de lhe fazer uma pergunta, qual seria?

Isabel Rio Novo - Se pudesse conhecer Camões, antes de mais, dava-lhe um abraço porque é o que nós fazemos quando encontramos um amigo com quem já não estamos há muito tempo. Porque a sensação que eu tive foi que fui conhecendo um amigo. Só depois é que íamos almoçar, onde eu começaria com as perguntas. Desde logo, onde e quando é que nasceu, pronto, para saber em que dia iria dar-lhe os parabéns.

Bruna Gomes - Se Camões estivesse vivo nos dias de hoje, como acha que veria o mundo moderno?

Isabel Rio Novo - Acho que ele, provavelmente, ficaria surpreso com uma série de mudanças à superfície. Ele próprio escreveu muito sobre a mudança, "mudam-se os tempos, mudam-se as vontades". Mas, ao mesmo tempo, acho que iria reconhecer que, sob a aparência diferente, a humanidade, na sua essência, mudou pouco ao longo destes 500 anos.



Os Retratos de Camões ao longo da História

A historiadora Raquel Henriques da Silva reuniu várias representações de Luís de Camões, mostrando como a imagem do poeta evoluiu ao longo dos séculos. Entre os retratos destaca-se a "Gravura de Paus" (1624), onde surge como um herói, e o retrato de Goa, uma pintura do século XVI encomendada por Fernão Teles.



Retrato de Camões por Fernão Lopes

Acredita-se que a pintura de Fernão Gomes seja a mais fiel, mas o original perdeu-se num incêndio. Curiosamente, existe também um retrato que pode ter sido desenhado pelo próprio Camões. Já nos tempos modernos, a sua imagem foi reinterpretada por José Aurélio na moeda comemorativa dos 500 anos do poeta, reduzindo-o a traços simbólicos. Esta coleção de retratos reflete a intemporalidade de Camões e a forma como cada época o representou.



Retrato de Camões, Goa



Moeda comemorativa dos 500 anos de Camões



Mosteiro de Santa Cruz

Onde a história de Portugal respira

No coração da cidade de Coimbra, o Mosteiro de Santa Cruz continua a afirmar-se como um dos mais emblemáticos monumentos portugueses.

Fundado em 1131 pelos Cónegos Regrantes, com o apoio do primeiro rei de Portugal, D. Afonso Henriques, o mosteiro carrega consigo séculos de história, fé e cultura.

Santo António por lá passou. Luís de Camões, segundo algumas fontes, terá estudado em Coimbra sob a proteção do seu tio D. Bento de Camões, frade deste mesmo mosteiro e chanceler da universidade.

Mais do que um monumento, é um testemunho vivo da fundação da nacionalidade, da espiritualidade medieval e do brilho artístico e intelectual que marcou várias épocas da história portuguesa.

Tiago Pinto e João Coelho – 10ºS



Começo grandioso da História de Portugal

O túmulo de D. Afonso Henriques, assim como o do seu filho, D. Sancho I, está mesmo junto ao altar-mor, reforçando ainda mais a ideia que neste Mosteiro é representada uma parte essencial da identidade portuguesa.

Durante os primeiros séculos, Santa Cruz foi muito mais do que um mosteiro: foi uma escola, frequentada por Camões, no século XVI, uma biblioteca, um ponto de encontro de ideias e um centro político com grande influência na vida do novo reino.

No século XVI, o mosteiro sofreu grandes obras de renovação impostas pelo rei D. Manuel I, que queria que o espaço refletisse a grandiosidade do império português. É um dos mais belos exemplos do estilo manuelino em Portugal.

Dentro da igreja, sente-se o peso da história, o silêncio respeitoso de quem ali viveu e a grandiosidade de uma época em que Portugal começava a descobrir o mundo. Santa Cruz é um lugar onde o passado se encontra com o presente, onde o nome de Afonso Henriques não é só uma figura dos livros de História, mas alguém real, com um túmulo de pedra e uma história que começou mesmo ali, em Coimbra.

Diogo Pedras e Tomás Mota – 10ºS

Luís Vaz de Camões: um homem real

Luís Vaz de Camões (1524/1525-1580) é aclamado como o maior poeta da língua portuguesa e figura central do Renascimento em Portugal.

Luís Vaz de Camões nasceu no princípio do reinado de D. João III, 6º rei da Dinastia de Avis.

Os testemunhos dos seus contemporâneos descrevem-no como um homem de porte mediano, com um cabelo loiro/ruivo, cego do olho direito, hábil em todos os exercícios físicos e com uma disposição temperamental, custando-lhe pouco para envolver-se em discussões.

As suas viagens levaram-no a diversos lugares, focando em Lisboa, Ceuta - onde perdeu a visão do olho direito através de um acidente naval -, Goa, Macau - onde naufragou, perdendo parte da sua epopeia e, simultaneamente, a sua amante chinesa, Dinamene - e Moçambique, antes de regressar a Lisboa em 1570, testemunhando um país completamente diferente daquele que tinha deixado anos atrás. Em 1572, publicou "Os Lusíadas", recitando a epopeia ao rei D. Sebastião I.

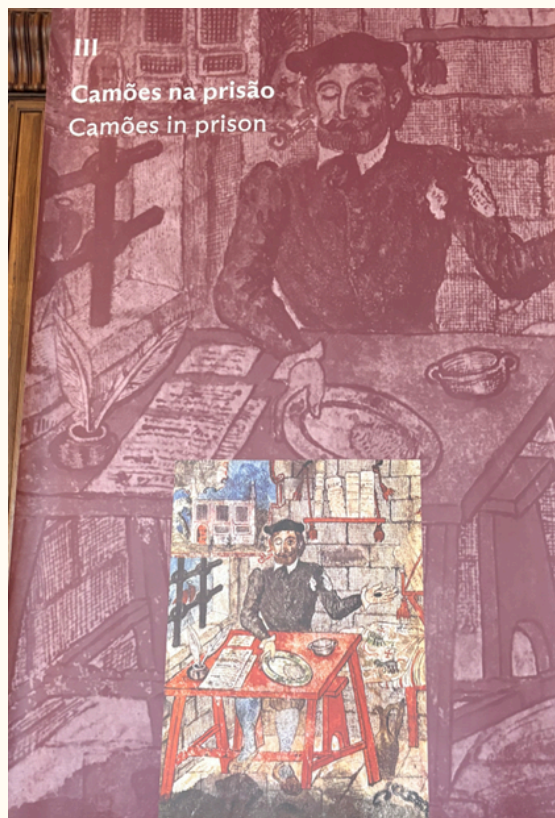
Ao longo da sua vida, Camões escreveu inúmeros poemas, explorando temas como o amor, o desconcerto do mundo, a desilusão, a natureza e a morte, sendo extremamente influenciado por Francesco Petrarca. As suas Rimas foram publicadas em 1595, após a sua morte no ano de 1580.

O autor d'Os Lusíadas enalteceu as conquistas marítimas portuguesas e a coragem do povo lusitano, sobretudo os navegadores. Além de poeta, diz-se que este destacou-se como um escudeiro incrível.

Camões provinha da baixa nobreza galega e viveu grande parte da sua juventude em Coimbra, onde floresceram os seus primeiros amores e composições poéticas. A sua vida foi marcada por viagens, rejeições e dificuldades, tendo falecido em Lisboa.



Alunos de Artes do 12º ano



Luís de Camões: Quem é o homem por trás da lenda?

Por volta de 1524 ou 1525, nasceu Luís Vaz de Camões, provavelmente no Porto, embora o local exato permaneça incerto.

Filho de Simão Vaz de Camões e Ana de Sá e Macedo, Camões pertencia a uma família nobre, mas empobrecida, sem títulos ou grande influência, alegadamente com raízes na Galiza.

Durante a juventude, terá vivido em Coimbra, onde teve contacto com os ideais humanistas e as obras clássicas da literatura renascentista, experiências que moldariam o seu génio literário. Por volta dos 20 anos, mudou-se para Lisboa, onde mergulhou numa vida boémia, frequentando casas de jogo e bordéis. O envolvimento amoroso com uma dama da Corte, considerado escandaloso, levou ao seu exílio em Ceuta, no norte de África, onde serviu como soldado e perdeu um olho em combate.



Alunos de Artes do 12º ano



Túmulo de Camões- Mosteiro dos Jerónimos

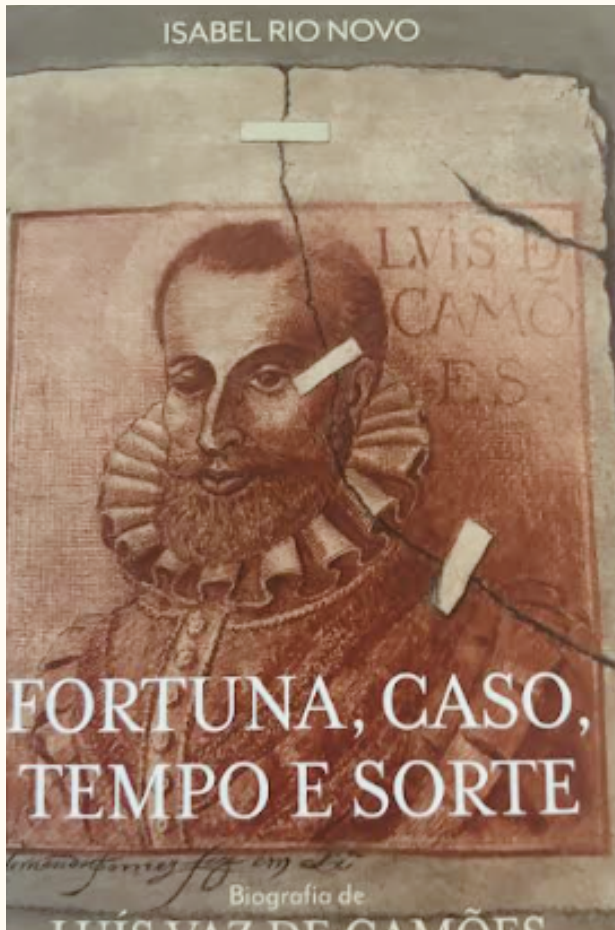
O regresso a Lisboa em 1552 trouxe novos conflitos: durante a procissão do Corpo de Deus, agrediu com uma espada Gonçalo Borges, funcionário da Casa Real e cunhado da mulher por quem Camões estaria apaixonado. A agressão valeu-lhe meses de prisão nas masmorras do Tronco de Lisboa. Nos anos seguintes, Camões embarcou para o Oriente, passando por Goa e Macau. Foi nessa fase que terá escrito grande parte de *Os Lusíadas*, obra-prima da literatura portuguesa.

Em 1570 regressa a Portugal, mas encontra um país indiferente ao seu génio. Viveu os seus últimos anos em pobreza, sustentado por uma modesta pensão concedida por D. Sebastião. Morreu em Lisboa a 10 de junho de 1580.

Inicialmente enterrado sem honras, os restos mortais de Camões foram mais tarde trasladados para o Mosteiro dos Jerónimos, símbolo do reconhecimento póstumo ao poeta que eternizou a língua portuguesa. A sua obra permanece como um dos pilares da identidade literária de Portugal e da lusofonia.

Luís de Camões: Quem é o homem por trás da lenda?

Luís Vaz de Camões foi poeta e dramaturgo no século XVI, conhecido por ser o autor do poema épico “Os Lusíadas”



Embora não se saiba muito sobre a sua vida, Luís Vaz de Camões, inspirado pelo Classicismo, é considerado por muitos o maior poeta português de sempre.

Nasceu em Lisboa, provavelmente em 1524, onde viveu até 1527, quando a sua família se transferiu para Coimbra, durante uma epidemia de peste. Em 1547, decide embarcar para Ceuta, onde acaba por perder um olho. Voltou a Lisboa em 1551, onde foi preso no ano seguinte devido a um confronto com um funcionário da corte, sendo libertado em 1553 e perdoado pelo Rei. Nesse ano, partiu para Goa e ainda para Macau, onde ficou até 1556, no cargo de “provedor-mor dos bens dos defuntos e ausentes”.

Depois de 13 anos de imensas aventuras, sofre um naufrágio, onde perdeu a sua amante chinesa e (quase) *Os Lusíadas*, regressa a Portugal onde acabaria por falecer, em 1580. A sua obra de maior destaque é a epopeia *Os Lusíadas*, publicada em 1772, cujo intento é o de glorificar os feitos dos Portugueses. De entre as várias obras que publicou, como *El Rei Seleuco* (1545), o *Filodemo* (1587) e as *Rimas* (1595) conseguimos observar várias características comuns às suas obras, nomeadamente a influência Greco-Latina, o Antropocentrismo, a mulher idealizada e o uso da medida velha ou medida nova. Já as principais temáticas das suas obras são o desconcerto do mundo, o sofrimento amoroso e a inconstância da natureza e do ser humano.

A primeira edição da obra, *Os Lusíadas*, encontra-se, atualmente, na posse do Ateneu Comercial do Porto, que a adquiriu em 1904 por um valor de cerca de 85 cêntimos. Outra curiosidade interessante é que o seu túmulo foi destruído após o terramoto de 1755. As suas ossadas encontram-se no Mosteiro dos Jerónimos.

Camões deixou um legado tão grande que, na atualidade, pode ser visto através de diferentes maneiras. Assim, Camões dá nome ao prémio que reconhece anualmente o mais importante prémio da língua portuguesa e no dia 10 de Junho todo o país para celebrar o Dia de Camões, de Portugal e das Comunidades.

Em suma, conseguimos compreender quem foi e o que fez Camões durante a sua vida. Quase 500 anos após a sua morte, ainda é considerado o maior poeta de sempre da língua portuguesa, ficando conhecido como o homem que levou a língua portuguesa ao resto do mundo com a sua riqueza linguística.

O lado aventureiro do autor de Os Lusíadas

Luís Vaz de Camões foi um viajante incansável, que viveu os caminhos da expansão marítima portuguesa. Antes de imortalizar os feitos dos navegadores em *Os Lusíadas*, Camões percorreu, ele próprio, várias rotas pelo mundo, muitas delas marcadas por batalhas, exílios e naufrágios.

O espírito aventureiro levou-o além da vida palaciana. Em 1553, embarcou rumo à Índia, ao serviço da Coroa portuguesa, dando início à fase mais marcante da sua vida como viajante.

A primeira paragem foi Goa, centro do poder português no Oriente. Aí serviu como soldado e também como funcionário público, mas envolveu-se em conflitos e desentendimentos com as autoridades locais. Pouco tempo depois, foi enviado para Macau, no atual território chinês, onde se pensa ter começado a escrever grande parte de *Os Lusíadas*. Ali terá exercido funções administrativas, possivelmente como provedor de defuntos e ausentes.



No regresso de Macau, Camões enfrentou um **naufrágio na foz do rio Mekong**, no atual Vietname ou Camboja, episódio lendário em que, segundo a tradição, salvou o manuscrito da sua epopeia nadando com uma mão enquanto segurava o livro com a outra. Este momento simbólico tornou-se parte do mito camoniano, retratando o poeta como herói do espírito e da resistência.

A sua rota prosseguiu com escalas em lugares como Moçambique, onde esteve por algum tempo antes de regressar a Lisboa em 1570, após mais de 17 anos de viagens e dificuldades. Pouco depois, publica *Os Lusíadas*, em 1572 — uma obra que é, ao mesmo tempo, crónica épica da expansão marítima e o espelho da sua própria vida errante.



Hoje, as **rotas de Camões** são mais do que marcos geográficos: são testemunhos de um tempo em que Portugal ligava continentes por mar e de um poeta que viveu na pele o que eternizou em verso.

Camões pelo mundo: homenagens

Luís de Camões, figura incontornável da literatura portuguesa e autor de *Os Lusíadas*, é homenageado em diversos cantos do mundo, perpetuando o seu legado como símbolo da língua e da cultura lusófonas.

Muito além das fronteiras de Portugal, o nome do poeta está presente em ruas, estátuas, centros culturais e datas comemorativas que evidenciam a sua influência global.

Nos países africanos de língua portuguesa, como Moçambique, Angola e também em Timor-Leste, Camões é lembrado em instituições de ensino, centros culturais e vias públicas, reforçando os laços históricos e culturais com Portugal. Em Goa (Índia) e Macau (China), antigamente sob o domínio português, o escritor é celebrado com estátuas erguidas em monumentos e jardins que ainda preservam marcas da herança lusa.



Gruta de Camões, Macau



Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo



Avenue de Camoëns, França

O Brasil, maior nação lusófona do mundo, também presta tributo ao poeta. Mesmo fora do espaço lusófono, Camões é reconhecido. Em França, por exemplo, há locais públicos que destacam a sua figura, demonstrando a admiração internacional pela sua obra e relevância cultural.

Estas homenagens em todo o mundo não apenas exaltam a genialidade literária de Camões, mas também servem como ponto de encontro entre culturas e povos que, apesar das diferenças, compartilham a língua portuguesa como herança comum.

Luís de Camões, mais do que um poeta, é hoje símbolo de união e identidade lusófona global.

Entrevista fictícia a Luís Vaz de Camões

Num feito que desafia as leis do tempo e da história, o nosso grupo teve o privilégio de realizar uma entrevista exclusiva a Luís de Camões, o génio renascentista cuja obra *Os Lusíadas* moldou a identidade literária de Portugal. Com um olhar perspicaz e expressão robusta, Camões falou-nos sobre a sua visão do mundo atual, o papel da poesia na sociedade moderna e como interpreta o legado que deixou há mais de quatro séculos. Entre metáforas e memórias, o poeta revelou-se surpreendentemente atual e profundamente humano.



Imagem gerada por inteligência artificial

Se pudesse ter vivido em outra época, qual escolheria?

Possivelmente durante o período de grandes poetas clássicos, como Homero e Virgílio. Aprecio a grandiosidade das suas criações e a importância que atribuíam à poesia. Contudo, o meu destino foi entoar as conquistas de Portugal na minha própria época.

Qual mensagem gostaria de deixar para as futuras gerações?

Nunca se devem esquecer da imensidade da nossa história e a importância da poesia. As palavras possuem a capacidade de eternizar realizações e motivar gerações futuras.

Acredita que a poesia tem o poder de mudar o mundo?

Camões: Sem dúvida! A poesia possui a capacidade de atingir almas e despertar consciências. Apesar de não transformar imediatamente o mundo, ela pode impulsionar transformações significativas, expandindo conceitos, emoções e reflexões que permanecem.

Como gostaria de ser lembrado no futuro?

Desejo ser lembrado não apenas como um poeta que enalteceu Portugal e a bravura de seus navegadores, mas também como um poeta que, por meio das palavras, procurou refletir sobre os obstáculos e a humanidade.

Se pudesse mudar algo na sociedade portuguesa do seu tempo, o que seria?

Desejo mais igualdade e reconhecimento para aqueles que verdadeiramente servem a nação. Muitos heróis vivem esquecidos, enquanto outros desfrutam de glórias sem merecimento. Também anseio por um reino mais voltado para a cultura e o conhecimento, já que sem eles, a magnitude de Portugal não se pode manter.



Imagem gerada por inteligência artificial

Entrevista fictícia a Luís Vaz de Camões

Como vê o papel de Portugal no mundo durante os Descobrimentos?

Portugal desempenhou um papel notável nos Descobrimentos, explorando territórios inexplorados e conectando comunidades distantes. Os exploradores do nosso tempo foram impulsionados pela bravura e pelo desejo de saber, mas também plasmei em *Os Lusíadas* os desafios e riscos dessa expansão. A glória de Portugal foi grandiosa, porém efêmera, e o meu trabalho espelha tanto o heroísmo quanto os perigos da ambição.

O que o levou a viajar tanto pelo mundo?

A vida conduziu-me a diversos destinos, nem sempre por minha própria escolha! Assim como vários jovens do meu tempo, procurei oportunidades além-mar. Embarquei como soldado para o Norte da África e, em Ceuta, perdi um dos meus olhos durante a batalha. Posteriormente, parti para a Índia em busca de riqueza e aventura, mas também me deparei com muitas adversidades. Morei em Goa, visitei Macau e até me aventurei a naufragar perto da foz do rio Mekong, salvando apenas a minha vida e os manuscritos de *Os Lusíadas*. Apesar dos desafios, as minhas viagens enriqueceram a minha obra e proporcionaram-me uma visão próxima dos feitos e riscos das navegações portuguesas.

Durante as suas viagens, qual foi o lugar que mais o impressionou?

Goa e Macau cativaram-me pela sua abundância, cultura e pela conexão entre o Oriente e o Ocidente. Contudo, nada teve um impacto tão significativo quanto o oceano. A imensidão dos oceanos, as suas tormentas e enigmas serviram de inspiração para muitos dos meus versos em *Os Lusíadas*, levando-me a ponderar sobre a grandeza e os obstáculos enfrentados pelas navegações portuguesas.

Luís de Camões mostrou-se, nesta entrevista além do tempo, mais do que um poeta imortalizado nos livros escolares. Entre memórias de batalhas e reflexões poéticas, revelou-se um observador atento da condição humana e um defensor apaixonado da língua portuguesa.



Imagem gerada por inteligência artificial



Imagem gerada por inteligência artificial

Beatriz Lima; Clara Lourenço; Lara Marques- 10º S

A Coimbra de Camões: A ligação do “príncipe dos poetas” e da sua obra à cidade dos estudantes

A cidade de Coimbra, banhada pelo icónico rio Mondego, emerge como um cenário onde a história, o saber e a poesia se fundem, encontrando em Luís Vaz de Camões um dos seus vultos mais imponentes.

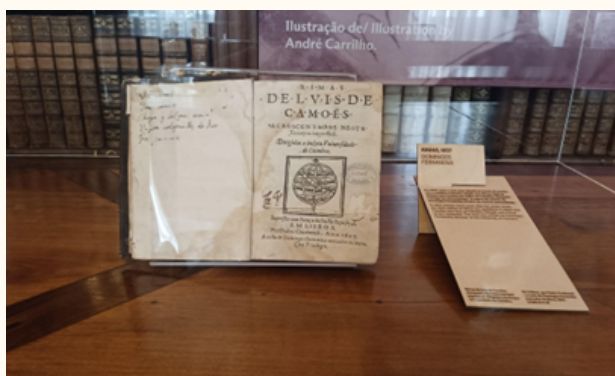
A relação intrínseca do poeta com esta urbe e os seus símbolos mais expressivos desvenda um legado que ecoa através dos séculos, mudando a percepção do rio e da própria identidade portuguesa.

A estadia de Camões em Coimbra foi fundamental para a sua formação. Aqui, a confluência do ambiente universitário e as suas vivências moldaram o poeta que viria a ser o maior nome da literatura portuguesa. Na universidade, Camões absorveu o “saber humanista”, um verdadeiro centro de conhecimento que, como o próprio referiu na estrofe 80 do canto II d’Os Lusíadas, “Tudo o soberbo Apolo aqui re-serva.”

Em suma, a cidade com o seu Mondego, história e ambiente de reflexão foi onde as experiências pessoais de Camões e as suas influências intelectuais se fundiram, continuando o seu legado a pintar a alma da cidade e a memória do maior poeta português.



Fac simile da 1ª edição de “Os Lusíadas” de 1572



2ª edição original de “Rimas” de Luís de Camões de 1609



O Mondego, por sua vez, tornou-se numa inspiração lírica e num confidente emocional. No célebre soneto “Doces e claras águas do Mondego”, Camões desabafa: “Doces e claras águas do Mondego / Doce repouso da minha lembrança, / Onde em tempo melhor e com esperança / O peito se ocupou de santo emprego.”- versos de nostalgia da juventude, passada junto às suas margens. A presença deste rio ressurge noutras obras, como na canção “Vão as serenas águas do Mondego descendo”, em que o rio é testemunha de afetos e de desilusões: “Vão as serenas / Águas do Mondego / E mansamente até o mar não parão / Por onde as minhas mágoas / Pouco a pouco crescendo / Para nunca acabar se começarão.”

Mesmo nas suas Éclogas, diálogos bucólicos em verso, o Mondego é presença constante. Surge como espaço de contemplação, saudade e amor, traços que definem a paisagem lírica camoniana. A presença de Camões em Coimbra também é visível no Monumento a Luís de Camões, de 1881, e nas ruas com o seu nome.

Inquestionavelmente, os amores vividos pelo então príncipe D. Pedro e pela aia Dona Inês marcaram tanto a cidade como o poeta, que sobre estes escreveu, refletindo sobre o amor e os seus efeitos. Camões começa por prever o fim trágico desta história “Que a Fortuna não deixa durar muito”, acabando, efetivamente, com o assassinato de Inês, por isso, “As filhas do Mondego a morte escura/Longo tempo chorando memoraram.”. Esta história, além de se ter passado em Coimbra, deixou a sua marca para o futuro com a Fonte dos Amores (“Vede que fresca fonte rega as flores,/Que lágrimas são a água e o nome Amores.”)

O poeta que navegou pelo Império

A sua vida

Luís de Camões, o maior poeta da história de Portugal, teve uma vida digna de uma epopeia. Estudou em Coimbra antes de embarcar numa jornada repleta de aventuras e desventuras que se tornaram numa inspiração literária. A sua experiência direta com a expansão portuguesa no século XVI moldou a sua obra imortal, *Os Lusíadas*.



O Legado de Camões e da Língua Portuguesa

As cidades por onde Camões passou ainda guardam resquícios da presença portuguesa. Em Goa, a "Roma do Oriente", igrejas barrocas e influências linguísticas testemunham séculos de presença Portuguesa. Malaca, por sua vez, abriga descendentes de portugueses que mantêm viva a herança cultural, enquanto Macau conserva a "Gruta de Camões" e o português como língua oficial. Na África, Moçambique abraça o português como idioma oficial e Lisboa, berço e último refúgio do poeta, celebra o seu legado anualmente no Dia de Portugal, 10 de junho.

Hoje, com mais de 260 milhões de falantes, a língua portuguesa é um dos maiores testemunhos da expansão portuguesa, e Camões continua a ser o seu maior embaixador.

José Duarte Freitas, Miguel Gomes
e Stiviandra Maio - 10ºP



A "Odisseia" de Camões pelo Mundo

Camões alistou-se como soldado e partiu para Ceuta em 1549, onde perdeu um olho em combate. Anos depois, após uma confusão em Lisboa, foi preso e enviado para a Índia em 1553. Em Goa, participou em expedições militares e presenciou a grandiosidade e os excessos do império. As suas críticas aos governantes locais levaram-no a ser preso e, mais tarde, a partir para Malaca e Macau. Foi em Macau que, exercendo um cargo administrativo, encontrou algum tempo e estabilidade para se dedicar à escrita. Contudo, no regresso a Goa, o navio em que seguia naufragou na costa do Camboja. Segundo a lenda, salvou apenas a sua obra. Posteriormente, viveu na pobreza em Moçambique antes de regressar a Lisboa em 1570. Dois anos depois, publicou *Os Lusíadas*, uma celebração das grandes viagens portuguesas e um marco da literatura mundial.

Morreu pobre em 1580, sem o reconhecimento que lhe era devido, ano em que Portugal perdeu a independência para Espanha, quase como um reflexo da vida desafortunada de Camões.



Alunos de Artes do 12º ano

Camões: Voz e Símbolo de Portugal no Mundo

Camões é homenageado em monumentos, universidades, estátuas e outros. Todos os anos, o país homenageia o poeta que eternizou a história nacional em verso e que hoje representa a língua portuguesa além-fronteiras.

Em Lisboa, a emblemática estátua de Luís de Camões, no Largo com o seu nome, na freguesia da Misericórdia, volta a ser ponto central das celebrações. Em Coimbra, o monumento ao poeta junto à Universidade é palco de leituras públicas, organizadas por estudantes e professores, que sublinham a relevância intemporal da sua obra.

Fora de Portugal, o Instituto Camões promove eventos culturais em dezenas de países, reforçando o papel do poeta como embaixador da língua portuguesa. Presente nas comemorações em Lisboa, o investigador Arménio Freitas Camões lembrou: “Enquanto houver português, haverá Camões.”

Dos monumentos às palavras, Portugal no dia 10 de junho celebra mais do que a sua História – celebra o espírito que continua a uni-lo através da língua e da cultura.

Iara Ferreira; Sofia Durães - 10ºR



Praça Luís de Camões, Lisboa



Monumento a Camões, Coimbra

Luís Vaz de Camões, exalta os feitos dos navegadores portugueses durante a expansão marítima. A sua relevância ultrapassou as fronteiras de Portugal, resultando em homenagens espalhadas pelo mundo.

No Brasil, a influência de Camões reflete-se na literatura e na cultura. Monumentos dedicados ao nosso maior dos poetas podem ser encontrados em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro. Em Moçambique, há igualmente homenagens ao poeta, demonstrando como a sua obra marcou a lusofonia. Já em Lisboa, a Praça Luís de Camões é um dos locais mais conhecidos da cidade, perpetuando a memória do autor no coração da capital portuguesa.

Este trabalho ajudou-nos a perceber que Camões não é apenas uma figura do passado, mas um símbolo da língua e cultura portuguesas que continua a ser celebrado em todo o mundo.

Ana Leonor; Luna Marco - 10º O

Visita aos lugares da juventude de Camões em Coimbra

O dia 2 de abril das turmas S, R, O e P, do 10º ano da Escola Secundária Carlos Amarante começou bem cedo, com a partida, desde a escola, onde apanhámos o autocarro, em direção a Coimbra.

A viagem correu tranquilamente e chegámos por volta das 11h da manhã.

Logo que chegámos, fomos visitar a Quinta das Lágrimas, um espaço encantador, rodeado de vegetação. Para além de toda a natureza que rodeia a Quinta das Lágrimas, é um local de grande importância histórica, ligada ao romance trágico entre o príncipe D. Pedro e Inês de Castro.

À chegada, na entrada, fomos recebidos por uma guia. Durante a visita, caminhámos pelos trilhos que eram rodeados de árvores imponentes. A nossa primeira paragem foi para observar a magnífica Figueira da Austrália, árvore premiada, também é conhecida como Figueira dos Amores. Esta árvore centenária está simbolicamente associada a uma das histórias mais bonitas de amor entre D. Pedro e Inês de Castro.

De seguida visitámos a Fonte das Lágrimas, local onde, segundo conta a lenda, Inês foi assassinada.

Depois da visita à Quinta das Lágrimas, fizemos um passeio pelas ruas antigas de Coimbra, já que o próximo destino seria o Mosteiro de Santa Cruz. Fundado no século XII, durante o reinado de D. Afonso Henriques, este monumento é de extrema importância histórica já que é aqui que o D. Afonso Henriques e o seu filho D. Sancho I estão sepultados.

O mosteiro tem um claustro bonito, capelas impressionantes e o altar-mor, que é uma obra de arte. Já na igreja, é de realçar o magnífico órgão, acreditando-se que as partes mais antigas deste instrumento podem ter cerca de 480 anos.

Continuando o nosso périplo, fomos almoçar à Universidade de Coimbra e o almoço decorreu na cantina do Polo III desta universidade.

Esta instituição, mandada construir por D. Dinis em 1290, é a universidade mais antiga de Portugal e das mais antigas do mundo. Fomos muito bem recebidos e o almoço correu lindamente.

Já saciados, fomos visitar o pátio das escolas, um dos locais mais importantes e emblemáticos da universidade de Coimbra.



Por último, visitámos a Biblioteca da Universidade de Coimbra, onde decorreu um evento especial em homenagem aos 500 anos do nascimento de Luís de Camões. A celebração incluiu a visita a uma exposição com edições raras de Os Lusíadas e manuscritos relacionados com a vida e obra do poeta. Durante a visita, uma especialista falou-nos da influência de Camões na literatura portuguesa e na sua vida e apresentou-nos um vídeo com algumas curiosidades. Foi um momento especial e interativo que nos permitiu não só alargar os nossos conhecimentos, como perceber a grandeza de Camões.

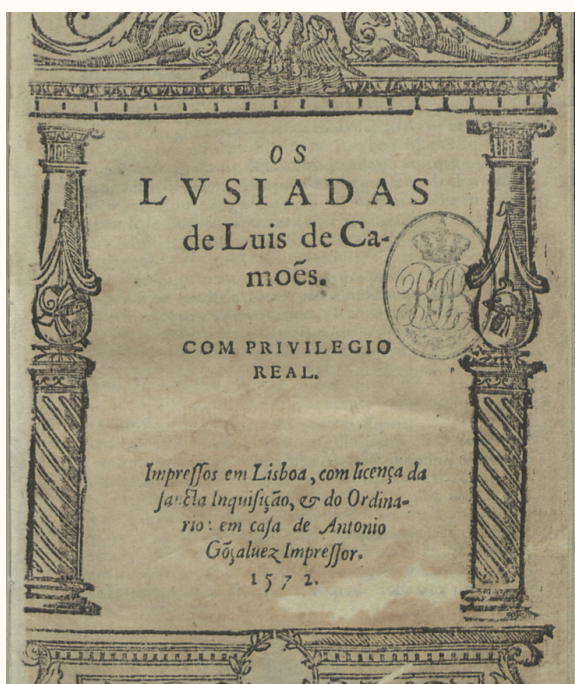
Chegámos a Braga por volta das 18h30, depois de um dia cheio de experiências, fotografias e muito conhecimento, uma vez que conhecemos mais um pouco da história de uma das cidades mais emblemáticas do nosso país, Coimbra.

Vicente Califórnia e João Alves- 10º S

A Quinta das Lágrimas e Os Lusíadas

A história de Pedro e Inês de Castro é uma das maiores tragédias da história de Portugal.

Em meados do século XIV, Pedro, príncipe herdeiro, apaixonou-se por Inês, uma jovem galega que era dama de companhia de sua noiva, Dona Constança. Embora estivesse prometido a Constança, Pedro viveu um amor secreto com Inês, o que foi desaprovado pelo rei Afonso IV, pai de Pedro. Em 1355, o rei mandou assassinar Inês e ela foi morta na Quinta das Lágrimas, por três cavaleiros. Pedro, devastado, jurou vingança. Quando se tornou rei, mandou exumar o corpo de Inês, realizou uma cerimónia e coroou-a rainha de Portugal. Ele forçou a corte a beijar a sua mão, como se ela fosse realmente a rainha.



Na quinta, encontram-se duas fontes. A Fonte do Amor, que é rodeada pelos muros do Jardim Medieval, e que, segundo a lenda, seria onde Inês esperava os barquinhos de madeira feitos e enviados nesta fonte por Pedro, percorrendo um grande percurso, e a Fonte das Lágrimas, que é destacada pela morte de Inês, dizendo a lenda que a água que percorre a fonte são as lágrimas da mesma. Esta fonte é referida na estrofe de Luís Vaz de Camões, na obra “Os Lusíadas”.

Camões afirma, no Canto III da estrofe 118 à 135, que a denominação da Fonte das Lágrimas teve origem na morte de Inês, a mando de D. Afonso IV.



“(…)

O caso triste, e dino da memória
Que do sepulcro os homens desenterra,
Aconteceu da mísera e mesquinha
Que depois de ser morta foi rainha. “-
(Canto III, estância 118)

“(…)

Se dizem, fero Amor, que a sede tua
Nem com lágrimas tristes se mitiga,
É porque queres, áspero e tirano,
Tuas aras banhar em sangue humano. “



Com a visita de estudo, foi possível adquirir mais conhecimentos para além dos que são transmitidos de geração em geração e na escola. Percebemos também a ligação existente entre Camões, mais concretamente na obra “Os Lusíadas” e a Quinta das Lágrimas.

Camões e a Quinta das Lágrimas

Camões é mais do que um poeta antigo. Ele ajuda-nos a compreender o nosso passado. Visitar a Quinta das Lágrimas foi como entrar num poema. Foi lembrar que a nossa história não vive só nos livros, mas também em lugares reais. E que Portugal, tal como Camões nos mostrou, é feito de glórias, mas também de lágrimas e de um amor que nunca se esquece.

Na nossa visita à Quinta das Lágrimas, em Coimbra, percebemos que estávamos num lugar muito importante. Estávamos perante o palco da história de amor de Inês de Castro e D. Pedro, referida por Camões em “Os Lusíadas”.

Toda a gente conhece a história de D. Pedro e Inês de Castro, mas estar naquele lugar onde, segundo a lenda, tudo aconteceu, é outra coisa. Ver a Fonte das Lágrimas ao vivo, com as pedras manchadas de “sangue”, faz-nos visualizar a história descrita por Camões. No local, a nossa guia referiu os versos de Camões que contam esta tragédia no Canto III de “Os Lusíadas”:

“As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram;
E, por memória eterna, em fonte pura
As lágrimas choradas transformaram.”



Camões não escreveu só sobre conquistas e heróis. Ele também nos mostrou o lado humano da nossa história. A dor de Inês, o amor de Pedro e o sofrimento que isso causou a todo o reino aparecem na sua epopeia. E, quando estamos ali, na Quinta das Lágrimas, tudo faz mais sentido. É como se aquele espaço ainda guardasse memórias de toda aquela tragédia.

Os jardins românticos, a mata com os cedros centenários, o antigo palácio transformado em hotel, tudo ali nos liga ao passado, mas também nos faz pensar no presente.

Camões e a Universidade de Coimbra

A Universidade de Coimbra é, muitas vezes, ligada à educação de Camões. Considera-se que foi aí que ele conseguiu adquirir os seus conhecimentos, onde tivemos a oportunidade de a visitar e pudemos confirmar vários indícios do seu estudo.

É uma das universidades mais antigas da Europa, destacando-se pela sua herança rica, histórica e cultural. Durante um longo período, a universidade transitou entre Lisboa e Coimbra, tendo-se fixado na segunda cidade referida, em 1537, por ordem do rei D. João III.

Esta universidade é um símbolo de prestígio, o seu conjunto é património mundial da UNESCO e, para além disso, é associada a Luís de Camões como justificação do seu conhecimento, já que, no seu tempo, era a Universidade mais importante e completa.

Na visita de estudo, tivemos a oportunidade de visitar o Paço das Escolas e ver as estátuas de D. Dinis e D. João III. Adicionalmente, tivemos a possibilidade de conhecer a Biblioteca Geral, onde se encontra uma exposição sobre Camões que contém algumas das suas obras, evidenciando a sua relação com a universidade.



Muitas são as dúvidas e poucas são as certezas, mas através de documentos, relatos dos primeiros biógrafos e alguns testemunhos, foi possível obter informações que confirmam que Coimbra desempenhou um papel decisivo no seu desenvolvimento intelectual e literário do poeta.

Há quem acredite que Camões frequentava Coimbra devido ao facto do seu bisavô, João Vaz de Camões, estar sepultado na Sé Velha de Coimbra. No entanto, é seguro que ele viveu a sua juventude em Coimbra, tendo contribuído o facto de um tio paterno, D. Bento de Camões, ser cónego no Mosteiro de Santa Cruz (1539) e reitor dos estudos universitários.

Supõe-se que Luís Vaz de Camões chegou a Coimbra com cerca de 12 anos, para estudar na Universidade, mesmo não estando matriculado. Durante esse tempo, Camões recebeu uma formação humanista e clássica, tendo tido aulas de literatura clássica, leis, filosofia e letras. Essas aulas ajudaram a desenvolver o seu elevado conhecimento, visível nas suas obras, principalmente nos “Os Lusíadas”.

Camões rapidamente se apaixonou pela linda cidade que é Coimbra. Foi onde teve os seus primeiros amores e também conflitos, que mais tarde se tornaram fonte de inspiração.

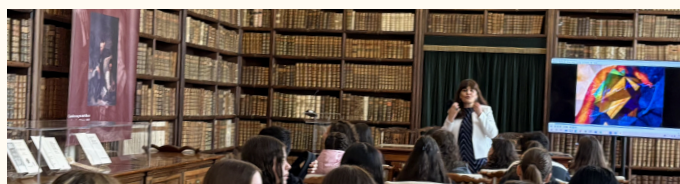


Ainda nos dias de hoje, a cidade de Coimbra está profundamente ligada à vida e à formação de Luís Vaz de Camões, considerado o maior poeta da língua portuguesa.



Embora não existam documentos oficiais que comprovem os estudos de Camões na Universidade de Coimbra, historiadores, como a Isabel Rio Novo, acreditam que ele tenha estudado aí nos anos 20 de 1500. Mas porquê?

Muitas são as dúvidas e poucas são as certezas, mas através de documentos, relatos dos primeiros biógrafos e alguns testemunhos, foi possível obter informações que confirmam que Coimbra desempenhou um papel decisivo no seu desenvolvimento intelectual e literário do poeta.



Sabia que... Luís Vaz de Camões

Camões, na sua obra épica, “Os Lusíadas”, exalta os feitos de Portugal e uma vida intensa e atribulada, marcada por viagens, amores e desventuras que ajudaram a moldar a sua figura lendária.



Ainda jovem, alistou-se como soldado e perdeu o olho direito em combate em Ceuta (com a faísca de um canhão). Mais tarde, embarcou rumo ao Oriente, passando por Goa, Malaca e Macau, onde ocupou cargos administrativos e enfrentou diversas adversidades, incluindo prisões e acusações de má conduta. Em Macau, terá vivido numa gruta que ainda hoje é associada ao seu nome. Durante a sua estadia no Oriente, Camões sofreu um naufrágio nas costas do Sudeste Asiático. Conta a lenda que salvou o manuscrito de “Os Lusíadas” nadando com uma mão enquanto segurava o livro com a outra. Tal episódio contribuiu para o seu mito nacional. A epopeia foi publicada em 1572, com dedicatória ao rei D. Sebastião, que lhe atribuiu uma pequena pensão. No entanto, Camões terminou os seus últimos dias em extrema pobreza, falecendo no dia 10 de junho de 1580, provavelmente num hospital para pessoas mais pobres, em Lisboa. O fim de Camões coincidiu com o fim da independência nacional, na sequência da morte do rei D. Henrique e da união com a Coroa espanhola, facto que reforçou a imagem do poeta como símbolo de uma pátria em declínio.

Além da vertente épica, Camões destacou-se como poeta lírico de rara sensibilidade.

Escreveu sonetos, canções e redondilhas, explorando temas como o amor, o sofrimento e o destino. Catarina de Ataíde terá sido a sua musa principal, mas também se fala de

Dinamene, uma amante asiática que teria morrido num naufrágio. Apesar da sua genialidade, Camões foi olhado com desconfiança pela Inquisição, que via na sua obra um tom pagão e sensual. Só séculos depois é que o poeta viria a ser amplamente celebrado.

Em 1880, os seus restos mortais foram simbolicamente trasladados para o Mosteiro dos Jerónimos e, desde 1910, o dia 10 de junho é feriado nacional, o dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas.



Em suma, Luís de Camões é mais do que um poeta, é um símbolo da identidade nacional.

Mesmo com uma vida bastante atribulada, a grandiosidade da sua obra torna-o eterno na memória coletiva, celebrando-se ainda hoje o seu legado como reflexo do espírito e da História de Portugal.

Blog de Viagens

Imagine viajar no tempo até 1556, ano em que Camões teria começado a escrever Os Lusíadas, e explorar o auge do Império Português através dos olhos de um comerciante flamengo. Foi essa a perspectiva que criámos no nosso projeto, combinando rigor histórico com criatividade digital.



Tendo por base o trabalho "Como era Portugal no tempo de Luís Vaz de Camões...", iniciámos a reflexão sobre a melhor forma de o desenvolver. Queríamos um projeto criativo e original, que não se limitasse à simples apresentação dos dados pesquisados e que fosse, ao mesmo tempo, motivador para nós.

Assim, optámos por criar um **blog de viagens** que simulasse o relato de um comerciante flamengo em meados do século XVI (1556). Ao explorar Portugal, este viajante regista as suas impressões sobre o poder e a riqueza do Império Português no seu auge. Ao longo das suas reflexões, observa o comércio, a cultura, as artes e a organização política do país durante um período de grande expansão marítima e poder imperial. Cada entrada está acompanhada de imagens, vídeos e elementos interativos para estimular a reflexão e a participação dos leitores. Em cada uma delas também tem a biografia específica que utilizamos para cada um dos textos

Para complementar o projeto, criámos um podcast, para o qual produzimos os textos correspondentes ao blog. Contudo, gravámos apenas três episódios, selecionados por serem os mais representativos do nosso trabalho.

A escolha da data para situar o blog foi um desafio, pois queríamos garantir coerência histórica. Optámos por 1556, um ano que se enquadra no auge do Império Português e está ligado ao início da escrita de Os Lusíadas.

Achámos relevante também dar voz a uma mulher renascentista: a infanta D. Maria, filha de D. Manuel I, conhecida pelo seu papel de promotora das artes num mundo dominado pelos homens na esfera pública. Por outro lado, embora Camões esteja presente em todo o nosso trabalho, dedicámos-lhe um capítulo exclusivo.

A possibilidade de termos acesso direto a obras de História de Portugal e da Arte, assim como a biografias, nomeadamente de D. Manuel I e Luís de Camões, permitiu-nos enriquecer os textos com pormenores relevantes.

Este trabalho revelou-se exigente, mas extremamente enriquecedor. No final, sentimos que Camões nos abriu as portas de um Portugal que desconhecíamos.

Link de acesso ao trabalho: <https://sites.google.com/alunos.aecarlosamarante.pt/blog-de-viajante-quinhentista?usp=sharing>

Trabalhos realizados pelos alunos de Artes - 12º M e N



Ficha técnica

Âmbito:

Celebração do V Centenário do nascimento de Camões - Articulação curricular envolvendo as disciplinas de História A, História B, Português e a Biblioteca Escolar.

Coordenação:

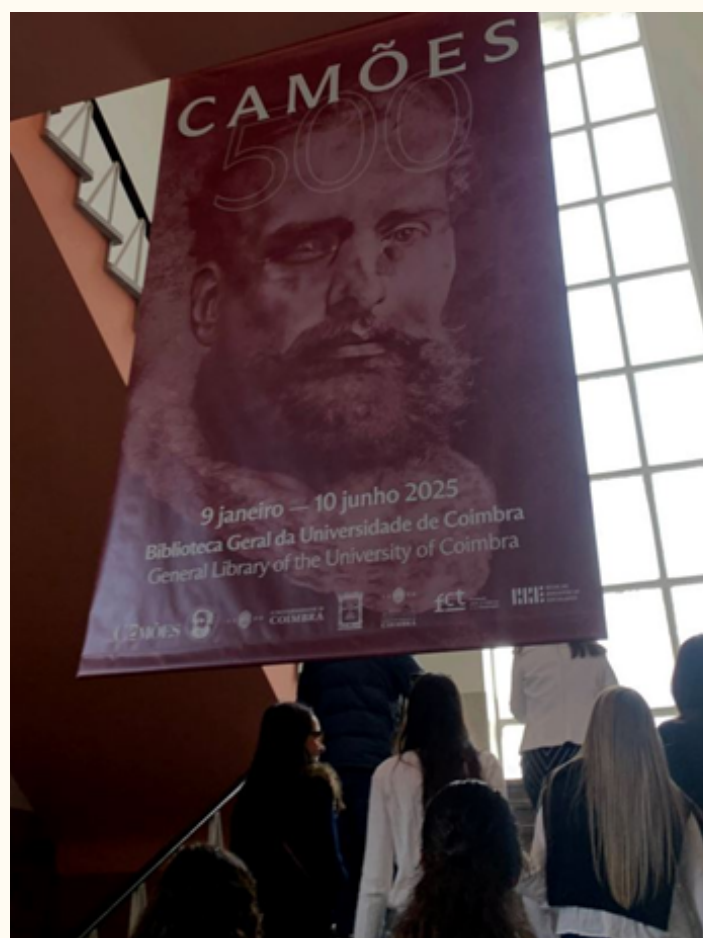
Francisco Marinho e Maria da Graça Castro.

Composição gráfica e paginação:

Maria da Graça Castro, Beatriz Turiel, Daniela Cordero, Filipa Vila Boa e Lara Marques.

Revisão:

Francisco Marinho, Maria da Graça Castro, Cristiana Lima e Maria Carolina Martins.



Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra
10ª O e 10º P